

**“O local não permanecerá intocado”, defende pesquisador da cultura popular**

Libny Freire<sup>1</sup>

O professor Dr. Joseph Straubhaar, do Departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas, Austin (EUA), atendendo convite do Departamento de Comunicação (DECOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), apresentou na instituição o minicurso intitulado *As novas tecnologias e as ações públicas de inclusão digital nos Estados Unidos e no Brasil*. Além do minicurso, o professor foi convidado conferencista de abertura do 8º Seminário *Os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular*, em Campina Grande/PB, promovido pelo DECOM da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

As pesquisas de Straubhaar focam os interesses na mídia global, a comunicação internacional, a teoria cultural, as sociedades da informação, produção global de televisão e de fluxo, divisão digital nos Estados Unidos e outros países, como o Brasil. Foi diretor do Centro de Estudos Brasileiros no Instituto de Estudos Latino-Americanos, atualmente é diretor adjunto de Programas Internacionais de Telecomunicações e da Política *Information Institute*, na Universidade do Texas, além de ser colaborador da Revista INTERCOM (editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Autor do livro *World Television: from global to local* e organizador, com o professor brasileiro Othon Jambeiro, da coletânea *Informação e comunicação: o local e o global em Austin e Salvador*.

O professor Straubhaar faz pesquisas na Europa, Ásia, África, Brasil e outros países da América Latina, e em sua passagem pela UFRN concedeu a seguinte entrevista à *Revista Internacional de Folkcomunicação*:

**REVISTA INTERNACIONAL DE FOLKCOMUNICAÇÃO:** Qual a importância das pesquisas sobre a cultura popular, tanto para a academia quanto para a sociedade?

**JOSEPH STRAUBHAAR:** A cultura popular é importante para toda a sociedade, para os idosos, pois ajuda na manutenção da história, e especialmente, para os mais jovens,

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) atua na linha de Produção de Sentido. Associada à Rede Folkcom, pesquisa cultura popular e música e suas relações com gênero. Contato: libnyfreire@gmail.com.

pois auxiliam na construção da identidade. A cultura popular é um retrato do mundo que temos como cidadãos, é uma arma poderosa e incrível. Nos Estados Unidos, muitos jovens não leem os jornais, o mundo deles é formado pela cultura popular, a música que ouvem, por exemplo. No meio acadêmico, a cultura popular serve para os estudiosos entenderem o mundo social, no entanto, é preciso dar mais prestígio e atenção, às vezes essa cultura que emana do povo é desprezada, devido a uma visão mais elitizada. É preciso lutar dentro da universidade para que se pesquise sobre cultura, pelo lugar da cultura.

**RF:** O senhor pertence ao Centro Latino-Americano de Cultura Popular. Como avalia as pesquisas feitas nesta área? As trocas ocorrem ou ainda estamos limitados?

**STRAUBHAAR:** As pesquisas nesta área têm crescido, principalmente no Brasil, que possui uma boa imagem, como a bossa-nova, samba e blocos afros de Salvador. Vejo que a cultura popular brasileira é muito prestigiada lá fora, e às vezes nem tanto aqui – a valorização é difícil dentro do país – ao que me parece o olhar estrangeiro prestigia. O estudo da cultura popular é importante por abranger diversos aspectos: Fiz um trabalho em conjunto com a Universidade Federal da Bahia junto a uma organização não governamental que trabalha com blocos afros e inclusão digital, e percebemos que o manuseio dos tambores e demais instrumentos musicais, ajudavam os jovens, aumentando a autoestima e criando um senso de competência em aprender coisas difíceis, como o uso de computadores e ferramentas digitais, como um todo. Existe um valor agregado à pesquisa. Pesquisar é um engajamento com o mundo e nessa experiência, vimos à cultura popular manifestada nos blocos afros, a questão do orgulho em ser negro, o orgulho de si mesmo, ajudando os jovens a se sentirem capazes e valorizados.

**RF:** Estudar cultura popular, geralmente, significa trabalho de campo, mas nem todos optam por essa metodologia. Como os pesquisadores devem lidar com esse aspecto da pesquisa?

**STRAUBHAAR:** A teoria em si não se sustenta. O trabalho de campo é descobrir e descrever, não é só valorizar a teoria, que deverá ser apoiada pelo empirismo, senão será vaga, falsa e insustentável. É preciso ter várias teorias, estilos e aspectos teóricos.

**RF:** O povo se comunica através das manifestações folclóricas. Dessa observação, nasce a teoria da Folkcomunicação, do professor Luiz Beltrão. Como o senhor a aplica em suas pesquisas?

**STRAUBHAAR:** Vejo que a teoria folkcomunicacional se aplica muito bem ao local. Eu uso em minhas pesquisas no Brasil. Estou começando a aplicar mais à música, no gênero popular para a questão local. No início de minhas pesquisas, sobre telenovelas, o conceito não se aplicou, pois o formato é nacional, sem uma linguagem regional ou elementos da cultura popular presentes.

**RF:** Os pesquisadores em cultura popular utilizam o termo folkmídia, que representa a apropriação dos elementos da cultura popular pela mídia, como as festas de São João, que se tornaram patrocinadas por multinacionais dos mais diversos segmentos, sendo repassadas para a população como festa tradicional. O senhor acredita que após essa presença midiática, as manifestações continuam sendo “populares”?

**STRAUBHAAR:** Acredito que sim. Quando tomamos o forró como exemplo, vemos que apesar de ser uma massificação em função da industrialização, ajuda a manter a identidade do migrante nordestino. É fato que a música e o turismo auxiliam nessa industrialização regional, contudo, o local não permanecerá intocado. O Canclini<sup>2</sup> fala da experiência do artesanato indígena, que foi alterado pelo turismo, mas em contrapartida, essa transformação sustentou o artesão. Em algumas situações, as cidades viram marcas, a mulher brasileira, que antes era representada pela figura da mulata, agora tem a Gisele Bündchen como referencial de beleza, tendo como precursora, a apresentadora Xuxa. A tradição cultural não permanece imutável, há um processo gradual de hibridização: É um sonho impossível manter a cultura local intocada.

**RF:** Alguma pesquisa em curso?

**STRAUBHAAR:** Estou trabalhando com a conexão do forró com a indústria do turismo, relacionando à construção da identidade do nordestino. Além do forró, está incluída na pesquisa a festa de boi-bumbá, que também faz parte dos festejos juninos.

---

<sup>2</sup> Conforme Néstor García Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, versão brasileira, editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).

Analiso como o norte e nordeste usam as suas raízes, aliados ao consumo da música, na manutenção da identidade, observando qual a função dessas múltiplas identidades que apesar de mudanças, apresentam uma continuidade em ser nordestino.